

O USO DAS METODOLOGIAS ATIVAS COMO PROPOSTA DE ENSINO PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA COM VISTAS À EDUCAÇÃO PARA SUSTENTABILIDADE

Raquel de Jesus da Silva ¹
Josecléa Bentes Pinto ²
Sara Almeida Santos ³
Marília Raquel Pinheiro Linhares ⁴
Lilian Aquino Oliveira ⁵

O presente trabalho relata experiências vivenciadas no Programa de Residência Pedagógica (PRP), a partir da concepção de que as metodologias ativas podem ser exploradas na educação inclusiva, com vistas à sustentabilidade social, já que permitem uma participação ativa dos estudantes, favorecendo seu desenvolvimento. O objetivo geral do trabalho é analisar se as metodologias utilizadas pelos docentes na “sala de aula comum” contribuem positivamente no desempenho escolar e no desenvolvimento da educação especial.

As atividades que embasaram esta produção ocorreram no âmbito do Programa Residência Pedagógica (PRP), Subprojeto de Pedagogia do Curso de Pedagogia (2022-2024), da Universidade Federal do Oeste do Pará (PRP/Pedagogia/Ufopa), que tem como um de seus eixos norteadores, a Educação para a Sustentabilidade (EpS). O *lócus* das atividades foi uma das escolas-campo da RP/Pedagogia/Ufopa, vinculada à rede pública estadual de educação, no município de Santarém-Pará. A população do estudo é composta por estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), atendidos em Educação Especial, na perspectiva inclusiva.

Os dados foram coletados através de pesquisa-ação, integrada pelas atividades de regência do PRP/Pedagogia/Ufopa.

A efetivação da pesquisa se deu a partir da imersão das bolsistas residentes ao cotidiano escolar dos educandos atendidos pelo Serviço de Atendimento Educacional

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA. Residente do PRP/Pedagogia/Ufopa. raquel.js@discente.ufopa.edu.br;

² Graduada pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará- UFOPA. Residente do PRP/Pedagogia/Ufopa. sara.as@discente.ufopa.edu.br;

³ Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA. Residente do PRP/Pedagogia/Ufopa. joseclea.pinto@discente.ufopa.edu.br;

⁴ Professora da Rede Estadual de Santarém- PA. Professora Preceptora do Programa de Residência Pedagógica/ CAPES/UFOPA, mariliarpl@gmail.com;

⁵ Professora orientadora (voluntária) do Programa de Residência Pedagógica/Pedagogia/UFOPA: Professora do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFOPA (área: Política Educacional), lilianaquino0110@gmail.com.

Especializado (SAEE) da escola-campo. A primeira etapa da pesquisa consistiu na observação sistemática e participante da sala de aula comum, pois as residentes interagem com os educandos nas ações praticadas por eles. A partir do roteiro da observação sistematizada, previamente definido, fez-se o registro dos dados no diário de bordo, que serviu também para discussão em grupo entre residentes e preceptoras.

Integrando as atividades de regência do PRP/Pedagogia/Ufopa, fez-se a aplicação do projeto “Uma ação sustentável para a sensibilidade: educar para a cidadania”. Nesta experiência, as residentes intervêm pedagogicamente como docentes, com o objetivo de dialogar com os educandos sobre a Educação para Sustentabilidade (EpS) e explorar metodologias ativas como proposta de ensino. Partiu-se da exploração de casos para análise de aspectos como consumismo e economia regional. Explorou-se vídeos para que os estudantes comentassem sobre os casos em evidência na efetivação de uma roda de conversa, direcionada por perguntas temáticas.

São recorrentes as críticas às metodologias de ensino nas quais o professor, ocupa o lugar de “dono do saber”, enquanto os estudantes são vistos como subordinados intelectivamente, que passivamente e mecanicamente são preenchidos pelo conhecimento transmitido através do professor, sem refletir criticamente sobre o mundo ao redor (Freire, 2011). Frente a isto, o estudo realizado se apoiou em teóricos que coadunam com a defesa de metodologias ativas para a educação especial e inclusiva, como Bacich e Moran (2018); Boff (2016); Freire (2011); e Vygotsky (1996; 2011).

A “Defectologia”, elaborada por Vygotsky (1997), é a ciência que estuda e pesquisa o desenvolvimento das crianças com deficiência. Na formação moderna, apresenta que as crianças com deficiência não se desenvolvem de maneira inferior às crianças sem deficiência, mas se desenvolvem de outra forma, havendo, assim, uma diversidade de desenvolvimento. Para Vygotsky,

[...] o defeito exerce uma dupla influência em seu desenvolvimento. Por um lado, ele é uma deficiência e atua diretamente como tal, produzindo falhas, obstáculos, dificuldades na adaptação da criança. Por outro lado, exatamente porque o defeito produz obstáculos e dificuldades no desenvolvimento e rompe o equilíbrio normal, ele serve de estímulo ao desenvolvimento de caminhos alternativos de adaptação, indiretos, os quais substituem ou superpõem funções que buscam compensar a deficiência e conduzir todo o sistema de equilíbrio rompido a uma nova ordem (2011, p. 869).

Assim, a educação é um dos caminhos para promover o desenvolvimento das pessoas com deficiências, tendo em vista que as funções superiores se constroem a partir do social

(Vygotsky, 2011). Nesse sentido, é necessário que sejam organizadas situações que propiciem esse desenvolvimento, já que “o desenvolvimento das formas superiores de comportamento acontece sob pressão da necessidade; se a criança não tiver necessidade de pensar, ela nunca irá pensar” (Vygotsky, 2011, p. 866).

No ensino tradicional, o estudante não é estimulado a pensar, seu dever se baseia em absorver o conhecimento transmitido pelo professor, tornando-se, portanto, o único responsável pelo seu sucesso ou fracasso no desempenho escolar (Freire, 2011).

Com a utilização das metodologias ativas, o estudante “assume uma postura mais participativa, na qual ele resolve problemas, desenvolve projetos e, com isso, cria oportunidades para a construção de conhecimento” (Bacich; Moran, 2018, p. 78 apud Esquisani *et al*, 2021, p. 29). Ou seja, as metodologias ativas corroboram para a organização de um ambiente favorável ao desenvolvimento cultural dos estudantes, oportunizado pela exploração de instrumentos e recursos que desafiam o estudante a encontrar estratégias para atingir determinado objetivo, além de possibilitar a construção do conhecimento através dos diversos meios do desenvolvimento da criança com deficiência, alinhando-se aos princípios da sustentabilidade (Boff, 2016).

Durante as visitas nas turmas, as residentes foram instruídas a auxiliar os estudantes com deficiência nas suas atividades, ao mesmo tempo em que se observava como eram as relações dos educandos com os professores e seus pares, com olhar atento à organização do ambiente de aprendizagem.

Nessa busca, constatou-se que as metodologias de ensino empregadas por alguns professores para os estudantes com deficiência baseia-se tão somente à adaptação de atividades que muitas vezes, senão todas, não condizem com os objetivos educacionais definidos para os demais alunos sem deficiência, nem instigam o estudante ao esforço cognitivo, com propostas simplistas, aquém das reais condições intelectivas dos alunos da educação especial .

Tais atitudes colaboram para uma prática educativa estigmatizante e limitante, que supervaloriza a deficiência em detrimento das potencialidades. Ainda que propostas com a finalidade de incluir, convergem para a exclusão, pois, nesses casos, negligenciam o potencial dos educandos, já que não partem de suas necessidades e nem do seu atual nível de desenvolvimento, não provocam desafios e assim pouco contribuem para a progressão do desenvolvimento integral.

Constatou-se que diversas atividades nem mesmo são elaboradas pelos professores, mas sim retiradas da internet, atividades prontas, dissociadas das reais necessidades e individualidade do estudante a quem se destina.

Com base nos pressupostos do trabalho colaborativo e da ação-reflexão-ação, o projeto de regência “Uma educação sustentável para sensibilidade: educar para cidadania” visou a participação dos educandos durante as aulas, para que eles pudessem compartilhar suas ponderações a respeito dos temas sobre o consumo inconsciente e economia sustentável, frisando os conceitos de sustentabilidade e relacionando-os com práticas cotidianas.

Todavia, frente ao condicionamento das práticas educacionais já perpetuadas, poucos estudantes se sentiram confortáveis em participar espontaneamente, havendo maior participação quando foi realizada uma dinâmica de perguntas e recompensas na roda de conversa. Nesse momento, os estudantes comentaram o que interpretaram dos vídeos assistidos, apresentaram dúvidas e conceitos apreendidos. Ou seja, houve a necessidade de um estímulo para se obter as respostas, ainda assim, poucos se sentiram à vontade, inclusive, os estudantes público da educação especial.

As práticas tradicionais arraigadas no cotidiano escolar se revelam como um dos empecilhos à educação inclusiva, pois desconsideram a diversidade cognitiva dos estudantes. Por essa razão, as metodologias ativas podem ser alternativas para a construção do aprendizado no ensino inclusivo, visto que os estudantes se desenvolvem de formas variadas, mas para que haja progressão é imprescindível organizar situações de ensino que ofereçam as condições necessárias a esse desenvolvimento.

A aproximação com a escola pública, através do PRP, suscitou reflexões quanto ao trabalho docente na Educação Especial e inclusiva. Em primeiro ponto, a inclusão plena requer olhar o outro em sua alteridade com sensibilidade, despindo-se de rótulos, estereótipos, preconceitos e julgamentos quanto à sua capacidade de se desenvolver. Nesta perspectiva, o professor necessita, sobretudo, procurar conhecer seus educandos, para que o planejamento pedagógico esteja condizente com suas necessidades, talentos e potencialidades. No entanto, é pertinente enfatizar que a inclusão escolar é um trabalho coletivo entre escola, família e Estado, e no próprio interior da escola entre os atores que dela fazem parte.

As metodologias ativas se revelam como uma abordagem fundamental na educação especial, promovendo a educação para a sustentabilidade de maneira holística e inclusiva. Ao engajar os alunos de forma prática e participativa, essas metodologias não apenas consideram as necessidades individuais e diferentes habilidades dos estudantes, mas também os capacitam a compreender e enfrentar os desafios contemporâneos. A colaboração, a resolução de

problemas e a tomada de decisões no bojo das metodologias ativas favorecem que alunos explorem e apliquem conceitos relacionados à sustentabilidade em contextos reais. Logo, não apenas atendem às demandas da educação especial, mas também se alinham ao desenvolvimento de cidadãos informados, engajados e comprometidos com a construção de um futuro sustentável para as gerações atuais e futuras.

Palavras-chave: Educação Especial e Inclusiva; Educação para a Sustentabilidade; Metodologias Ativas; Residência Pedagógica.

REFERÊNCIAS

BOFF, L. **Sustentabilidade: o que é: o que não é.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

ESQUINSANI, R. S. S. *et al.* Metodologias ativas na educação inclusiva: diálogo entre os conceitos de compensação e plasticidade cerebral. *In:* PAVÃO, Ana Cláudia Oliveira; PAVÃO, Sílvia Maria de Oliveira (Org). **Metodologias ativas na educação especial/inclusiva.** Santa Maria: Facos UFSM, 2001. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/editoras/facos/metodologias-ativas-na-educacao-especial-inclusiva>>. Acesso em: 14 ago. 2023

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. São Paulo: Educação e Pesquisa, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28306>>. Acesso em: 19 ago. 2023.